

O PROSAICO, A SÁTIRA E O RISO IRÔNICO NA ESTEIRA DA DESSACRALIZAÇÃO ROMÂNTICA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO

Francilda Araújo Inácio¹
Girlene Marques Formiga²
Núbia Rafaela Alves de Medeiros³
Hellen Jacqueline Ferreira de Souza Dantas de Aguiar⁴

RESUMO

Este trabalho lança luz a uma parte da produção literária de escritores da segunda geração romântica, caracterizada por seu caráter transgressor e pouco convencional, estabelecido por meio da provocação do riso, da ironia sarcástica, da utilização do prosaísmo, rumando por caminhos distintos daqueles propostos pelo ideário romântico da época. Alguns desses escritores, entre os quais destacamos Álvares de Azevedo e Luiz Gama, que, embora tenham assumido esteticamente o receituário dos ultraromânticos e seus traços, a certa altura, questionarem tal receituário e propuseram mudanças estéticas, inserindo em seus escritos elementos constitutivos da realidade prosaica, da sátira e do humor. Metodologicamente, optamos pela pesquisa de natureza bibliográfica em torno de especialistas como Candido (1987), Cunha (1998; 2000) e Franchetti (1987), que nos auxiliaram a retratar o movimento romântico a partir de uma produção que não apenas busca transpor limites, mas também questiona amarras impostas por preceitos literários em voga. Neste sentido, este trabalho discutiu, por meio de práticas de leitura para a sala de aula de Ensino médio, o mito crítico de que tais produções limitam-se às temáticas da idealização romântica, do sentimentalismo exacerbado, do pessimismo e da dúvida, preceitos tão indissolúvelmente reproduzidos, sobretudo, nos meios acadêmicos e livros didáticos. Como resultado, ampliamos um campo de possibilidade para o desenvolvimento de práticas de leitura em sala de aula a partir de uma perspectiva capaz de visualizar diferentes nuances dentro da produção romântica.

Palavras-chave: Romantismo, dessacralização, leitura, escola.

INTRODUÇÃO

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem. *Homo sum*, como dizia o célebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as belas visões palpáveis de acordado. Tem nervos, tem fibras e tem artérias – isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia.

Prefácio da segunda parte de **Lira dos Vinte Anos**

¹ Profa^a Dr^a em Letras e Linguística, UFAL, araujo.francilda@gmail.com (orientadora)

² Profa^a Dr^a em Letras - UFPB, gformiga@uol.com.br

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal da Paraíba, nubiarafaela@gmail.com

⁴ Graduanda do Curso e Licenciatura em Letras do Instituto Federal da Paraíba, leninhajacque@gmail.com

O presente trabalho tem como tema “O prosaico e o riso irônico na esteira da dessacralização romântica: uma proposta para o Ensino médio”, mediante o qual discutimos produções românticas que, de certa forma, diferenciavam-se do ideário romântico vigente tão marcadamente visualizado pela academia, qual seja: a de um movimento regido tão excessivamente pela idealização, sentimentalismo exagerado e extrema subjetividade. Por outro lado, pontuamos que, dentro dessa atmosfera do Romantismo, em que se valorizava o intangível, também se desenvolveu outro viés de produção que se voltou para aspectos mais concretos e objetivos da realidade.

É esta vertente que observamos no presente estudo e sobre a qual nos debruçamos, principalmente através dos escritores Álvares de Azevedo, escritor ícone da segunda geração romântica, e Luiz Gama, poeta menos propalado pela academia, que nos apresenta uma produção de grande alcance político, entre outras características. Esse estudo fundamenta uma proposta de abordagem de leitura de textos literários de escritores do nosso movimento romântico no Ensino médio com o intento de descortinar outras nuances da produção do Romantismo brasileiro, de modo a abordá-lo em sala de aula de maneira mais descontraída, com vistas a promover a aproximação entre o estudante e os textos usualmente conhecidos como sérios e maçantes.

A proposta de dissipação do “mundo visionário e platônico”, que se efetiva na segunda parte de **Lira dos Vinte Anos**, de Álvares de Azevedo, principalmente mediante poemas que apontam para o trânsito do prosaico na poesia e para a ironia representa, no conjunto da obra azevediana, a culminância de um projeto consciente de dessacralização da estética da “monodia amorosa”, em detrimento da “sátira que morde.”

O referido Prefácio da segunda parte de **Lira dos Vinte Anos** funcionou como uma espécie de *Ars Poétique* no conjunto de sua obra, constituindo-se um escrito interessante como documentação do pensar do poeta sobre a vida e sobre as condições da arte, por trazer à baila a discussão teórica acerca de um projeto estético de ruptura com padrões poéticos em voga e uma fecunda autocrítica de quem, a certa altura, desapontado com a banalização do código poético sentimental, renega tal código, propondo o desmonte do “mundo visionário e platônico”, em detrimento de uma poética menos idealizante e mais comprometida com a realidade prosaica.

Na **Lira dos vinte anos**, é possível, portanto, visualizar eixos dicotômicos: na primeira parte, encontramos uma poética extremamente idealizante, voltada para o amor sentimental e, como consequência disso, a morte; na segunda, como o próprio autor diz que “Quase depois

de Ariel esbarramos em Caliban”, encontramos poemas irônicos, a exemplo de "É ela! É ela! É Ela! É ela! ", que retrata o amor do eu- lírico pela lavadeira, que foge intensamente do conceito tradicional de heroína romântica anunciada pela maioria dos escritores do movimento romântico.

Mas essa vertente antinômica do ideário vigente não ficou restrita somente a Álvares de Azevedo: o pesquisador Paulo Franchetti⁵ atenta para a existência de um "cancioneiro alegre", composto por escritores que “transformavam-se de súbito, ao sopro da maledicência, da lascívia ou da simples emulação boêmia, em virtuosos da palavra, improvisadores de raro talento e inventividade”, entre os quais figuravam Laurindo Rabelo, Fagundes Varela, Bruno Seabra, José Bonifácio de Andrada e Silva, Franco de Sá, Bernardo Guimarães, Álvares de Azevedo e Luiz Gama. Sobre estes dois últimos nos debruçamos neste estudo.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho constitui-se parte de estudos relacionados à formação de leitores, especificamente no que diz respeito de abordagens metodológicas de textos literários em sala de aula. Em relação aos aspectos metodológicos utilizados para o seu desenvolvimento, optamos pela investigação de natureza qualitativo-interpretativa por ser adequada à análise do objeto investigado, valendo-nos, para isso, de fontes bibliográficas para a elaboração do referencial teórico, respaldado em estudiosos especialistas na obra de Álvares de Azevedo e do Romantismo brasileiro, como Candido (1987), Cunha (1998; 2000), Franchetti (1987).

A LIRA SEM CORDAS: Discutindo a desidealização romântica

É uma lira, mas sem cordas: uma
primavera, mas sem flores, uma
coroa de folhas, mas sem viço..”

Prefácio da segunda parte de **Lira dos Vinte Anos**

⁵⁵ FRANCHETTI. Paulo. "O Riso Romântico: Nota sobre o Cômico nas Poesias de Bernardo Guimarães e Seus Contemporâneos". **Remate de Males**, Campinas. n. 7. 1987.

No prefácio da segunda parte de **Lira dos vinte anos**, Azevedo expõe seu projeto estético da “teoria dos contrastes” – a Binomia – o qual seria, segundo Candido,⁶ a coexistência e choque dos contrários, que dividia a consciência lírica do poeta em duas: uma crente e idealista e outra cética e irônica. Como reflexo desse fenômeno, as poesias do jovem Maneco, em seu conjunto, revelam uma característica peculiar de apresentar proposições estéticas antinômicas, em que temas e mecanismos técnicos que funcionam num primeiro momento como fatores rígidos arraigados a uma certa concepção de poesia, passam, num segundo momento, a ser fontes de riso e de escárnio.

Nesse sentido, é possível traçar uma hipotética divisão dessa obra em dois momentos distintos: um inicial, em que a consciência poética, alheia a qualquer contato com a realidade, procura firmar os princípios de regulamentação dos poemas na busca da unificação e elevação da alma a reinos transcendentais; e um segundo momento, que desemboca na ruptura com esse padrão inicial. Discorrendo sobre Binomia azevediana, Cunha⁷ aponta que Álvares de Azevedo, ao apresentar esse princípio estético, expõe, de maneira completamente diferente, a relação entre os níveis de representação literária em sua obra.

No famoso Prefácio de **Cromwell**, Victor Hugo⁸ observa-se que “o período romântico cria ou procura revelar a consciência do disorde no homem e no próprio universo” (...). Por isso, a obra de arte que a exprime, o drama, deve unir temas opostos como a luz e a sombra, o corpo e a alma, o animalesco e o espiritual. Ainda Hugo observa que a musa moderna verá as coisas com um olhar mais elevado e mais amplo. Sentirá que tudo na criação é humanamente belo, que o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz.

Em **Lira dos vinte anos**, as formulações dos prefácios das primeira e segunda partes já indiciam as diferenças relativas à postura estética que a fundamenta: no da primeira parte, em que o tom é de elegia lamartiniana, temos um Álvares de Azevedo tímido, que se desculpa pelos “primeiros cantos de um pobre poeta,” assim definidos⁹:

É uma lira, mas sem cordas: uma primavera, mas sem flores, uma coroa de folhas, mas sem viço. Cantos espontâneos do coração,

⁶ CANDIDO, Antonio. **A Educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed., São Paulo: Ática, 2003, p. 10.

⁷ CUNHA, Cilaine Alves. **O Belo e o Disforme**: Álvares de Azevedo e a ironia romântica. São Paulo: Edusp/FAPESP, 1998, p. 70

⁸ HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**. Elos: São Paulo, 1977, p. 274.

⁹Todos os poemas e trechos de obras azevedianas foram extraídos da seguinte edição: AZEVEDO, Álvares. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

vibrações doridas da lira interna que agitava um sonho, notas que o vento levou, –com isso dou a lume essas harmonias.
São páginas despedaçadas de um livro não lido...

Por outro lado, o Prefácio da segunda parte vai desqualificar a própria poesia anteriormente produzida em nome de outro tipo que denomina “amores da vida real” e de uma individualidade poética caracterizada por um estado de alma melancólico e amargo, mas que ainda espera vivenciar um amor ideal com uma musa inatingível, emblemática de um tipo de poesia que busca realização da plenitude poética em terrenos da idealização. Alterando, assim, essa constituição, no segundo momento da obra, do eu-lírico num tipo inversamente simétrico, nega a viabilidade de um projeto poético voltado para a busca dos materiais da poesia na idealização amorosa e em esferas transcendentais:

Quase que depois de Ariel esbarramos em Calibã. A razão é simples. É que a unidade deste livro funda-se numa binomia. Duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces. [...] Nos mesmos lábios onde suspirava a monodia amorosa, vem a sátira que morde.

Nesta perspectiva “binômica”, trazemos à observação “O poeta moribundo”, em que ao tema da morte é dado tratamento diametralmente oposto, em tudo diferente do tom solene e da plangência comuns ao tema da morte e daquilo que frequentemente se está acostumado a ver no escritor romântico, abordando-o no conjunto de sua obra lírica. Não é demais lembrar que o tema Morte constitui-se um dos mais caros a segunda geração do nosso Romantismo, mas o tom, no poema mencionado, é de deboche: a morte é ridicularizada, comparada à noiva “lazarenta e desdentada”:

O Poeta Moribundo

Poetas! Amanhã ao meu cadáver
Minha tripa cortai mais sonora!
Façam dela uma corda, e cantem nela
Os amores da vida esperançosa!

Cantem esse verso que me alentava...
O aroma dos currais, o bezerrinho,
As aves que na sombra suspiravam,
E os sapos que cantavam no caminho!

Coração, por que tremes? Se esta lira
Nas minhas mãos sem força desafina,
Enquanto ao cemitério não te levam
Casa no marimbau a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia . . .
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.

Coração, por que tremes? Vejo a morte
Ali vem lazarenta e desdentada. . .
Que noiva!. . . E devo então dormir com ela?. . .
Se ela ao menos dormisse mascarada!

Que ruínas! que amor petrificado!
Tão antediluviano e gigantesco!
Ora, façam idéia que ternuras
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vezes que dormir com ela,
Que dessa fúria o gozo, amor eterno. . .
Se ali não há também amor de velha,
Dêem-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavíssimas belezas,
Cleópatras, Helenas, Eleonoras;
Lá se namora em boa companhia,
Não pode haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,
Amigos de no vinho ter consolos,
Foram com Satanás fazer colônia,
Antes lá que no Céu sofrer os tolos!-

Ora! e forcem um'alma qual a minha
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça
A cantar ladainha eternamente
E por mil anos ajudar a Missa!

Em sua Tese, Noite na taverna: uma poética da dessacralização, Inácio (2005)¹⁰ observa que, na esteira da desidealização de pilares "inquestionáveis" da era romântica, Álvares de Azevedo também coloca em xeque o estatuto da arte/poeta como algo sagrado. Não são raros os poemas em que há o reconhecimento de que não há lugar para o sonho/arte numa sociedade em que o capital comanda tudo, conforme atestam as estrofes a seguir do poema "Um cadáver de poeta":

Deixem-se de visões, queimem-se os versos.
O mundo não avança por cantigas.
Creiam do povilêu os trovadores

¹⁰ INÁCIO, Francilda Araújo. **Álvares de Azevedo: Uma poética de dessacralização.** (Tese). UFAL, 2005.

Que um poema não val meia princesa.
Um poema, contudo, bem escrito,
Bem limado e bem cheio de tetéias,
Nas horas do café lido, fumando,
Ou no campo, na sombra do arvoredado,
Quando se quer dormir e não há sono,
Tem o mesmo valor que a dormideira.

Ainda no mesmo poema, Álvares faz seu hino à autocontestação, relativa à posição social do poeta.

De que vale um poeta – um pobre louco
Que leva os dias a sonhar – insano
amante de utopias e virtudes
E, num tempo sem deus, ainda crente?

A poesia é de certo uma loucura.[...]
Um poeta no mundo tem apenas
O valor de um canário de gaiola...

Como podemos observar, o poeta retratado aparece como homem concreto, real, de hábitos comuns, com necessidades. Nessa perspectiva, a formação idealizante – o poeta como gênio – a figura do “autor”, no sentido da subjetividade expressiva, tão preciosa ao Romantismo, desmorona. A sua condição social é explorada de forma irônica ou bem-humorada, conforme observa Inácio (2005, p.69) que, de forma complementar, ainda afirma que a Poesia perde seu estatuto elevado e sublime; convertendo em algo quase sem valor num mundo onde a mercadoria a torna improvável e o bem supremo é o dinheiro. (*Idem*, p.70).

Para não nos restringirmos unicamente à produção de Álvares de Azevedo em versos, aludamos à prosa azevediana através do drama **Macário**, em que o jovem Macário considera ilusões o idealismo amoroso, a glorificação do poeta, a pureza encontrável no amor, por sua vez, expressa uma visão céptica, que decreta o fim do passado idílico e a desesperança na vida e na arte, como podemos visualizar no excerto abaixo:

Ilusões! O amor – a poesia – a glória. – Ilusões! Não te ris tu comigo, como eu rio dela? A glória! Entre essa plebe corrupta e vil que só aplaude o manto de Tartufo e apedreja as estátuas santas do passado! Glória! Nunca te lembras do Dante, de Byron, de Chaterton o suicida? E Verner poeta, sublime e febril também, morto do cepticismo o desespero sob sua grinalda de orgia? Glória! São acaso os loiros salpicados de lodo, manchados, descritos, cuspidos do povilêu, e que o futuro só consagra ao cadáver que dorme?

Embora, até aqui, tenhamos observado mais detidamente aspectos da obra de Álvares de Azevedo, nosso estudo também visualiza um outro escritor: Luiz Gama – ou Getulino, como ficou conhecido – que é também representante dessa tendência crítica/satírica do nosso romantismo, por criticar duramente a “raça politqueira” e os trapaceiros que subiam na vida, como o faz no poema "Sortimento de gorras", cujos alguns excertos apresentamos a seguir:

(...)

Se o Governo do Império Brasileiro,
Faz coisas de espantar o mundo inteiro,
Transcendendo o Autor da geração,
O jumento transforma em *sor Barão*;
Se o estúpido matuto, apatetado,
Idolatra o papel de mascarado;
E fazendo-se o lorpa deputado,
N^o Assembléia vai dar seu – *apolhado*!
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois tudo no Brasil é raridade!

Se impera no Brasil o patronato,
Fazendo que o Camelo seja Gato,
Levando o seu domínio a ponto tal,
Que torna em sapiente o *animal*;
Se deslustram honrosos pergaminhos
Patetas que nem servem p^{ra} meirinhos
E que sendo formados Bacharéis,
Sabem menos do que pecos bedéis:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se temos Deputados, Senadores,
Bons Ministros, e outros chuchadores;
Que se aferram às tetas da Nação
Com mais sanha que o Tigre, ou que o Leão;
Se já temos calçados – *mac-lama*,
Novidade que esfalfa a voz da Fama,
Blasonando as gazetas – que há progresso,
Quando tudo caminho p^{ro} regresso:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se contamos vadios empregados,
Porque são de potências afilhados,
E sucumbe, à matroca, abandonado,
O homem de critério, que é honrado;
Se temos militares de trapaça,
Que da guerra jamais viram fumaça,
Mas que empolgam chistosos ordenados,
Que ao povo, sem sentir, são arrancados:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se faz oposição o Deputado,

Com discurso medonho, enfarruscado;
E pilhado a maminha da lambança,
Discrepa do papel, e faz mudança;
Se esperto capadócio ou maganão,
Alcança de um jornal a redação,
E com quanto não passe de um birbante,
Vai fisingando o metal aurissonante:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

(...)

Se temos majestosas Faculdades,
Onde imperam egrégias potestades,
E, apesar das luzes dos mentores,
Os buregos também saem Doutores;
Se varões de preclara inteligência,
Animam a defender a decadência,
E a Pátria sepultando em vil desdouro,
Perjuram como Judas – só por ouro:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Lei fundamental – *Constipação*,
Faz papel de falaz camaleão,
E surgindo no tempo de eleições,
Aos patetas ilude, aos toleirões;
Se luzidos Ministros, d’alta escolha,
Com jeito, também mascam *grossa rolha*;
E clamando que – são *independentes* –,
Em segredo recebem bons presentes:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Justiça, por ter olhos vendados,
É vendida, por certos Magistrados,
Que o pudor aferrando na gaveta,
Sustentam – que o Direito é pura peta;
E se os altos poderes sociais,
Toleram estas cenas imorais;
Se não mente o rifão, já mui sabido:
Ladrão que muito furta é protegido –
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Luiz Gama, ex-escravo, escreveu **Trovas burlescas de Getulino** (1859/186), obra em que se utiliza da sátira para direcionar ofensivos versos a todos os tipos que lhes pareciam questionáveis, tais como políticos, magistrados, médicos e até poetas, que também não se livraram de seus ataques. Em “Os Glutões”, a musa que serviu de inspiração para o eu-lírico

nos é apresentada com características físicas em muito destoante das idealizadas mulheres inspiradoras típicas do Romantismo:

Oh tu quadrada Musa empavesada,
Soberana rainha da papaça,
Borrachuda matrona insaciável
Que tens o corpo pingue, e larga pança;

Oh tu arca bojuda que resguardas
O profuso fardel das comidelas;
Amazona terrível, devorante
Té capaz de engolir mil caravelas:

Esganiça o pescoço longo-estreito,
Em linha põe os teus animalejos,
Os hórridos abutres, feios lobos,
Porcos, galinhas, gatos, percevejos.

Vem à triste morada do trovista
Um canto lhe inspirar que cheire a bife,
Para a fama elevar dos lambareiros
Sobre as grimpas do monte Tenerife.

Vem filha do pincel do grande Alcíato
Dourar os versos meus que, descorados,
Não podem atrair leitores sábios,
Amantes da lambança e bons guisados.

Por fim, assinalamos que os dois escritores, guardadas as devidas proporções, embora mergulhados num contexto estético em que predominavam as convenções regidas pelos românticos, eles souberam também esboçar, assim podemos dizer, uma consciência crítica que rumava em sentido contrário aos costumes literários da época, mediante ironia ou desacato presentes em suas poesias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso estudo mostra, sobretudo, que o fato de Álvares de Azevedo e alguns outros escritores de sua geração, a exemplo de Luiz Gama, assumirem esteticamente o receituário dos ultra-românticos e seus traços não os impediu de a certa altura, apresentarem claramente mudanças estéticas, inserindo em seus escritos elementos constitutivos da realidade prosaica e do humor, conforme pudemos constatar através do presente estudo.

Nesse sentido, essa produção, aqui visualizada obra, pode ser considerada de como representativa no contexto da produção romântica, no que se refere a uma proposta estética de revisão da tradição em voga e à proposição de novas possibilidades para a escrita literária da época. Ademais, a utilização a ironia, do humor dessacralizador abre, por outro lado, o campo de possibilidade para uma leitura/abordagem diferente da obra de Álvares de Azevedo, de Luiz Gama e de outros escritores românticos, a partir de uma perspectiva que possa visualizar o ainda pouco visualizado em sala de aula: o viés irônico e sarcástico do Romantismo brasileiro, abalando pelo menos um pouco o mito crítico de que a produção dos escritores românticos é unicamente da ordem da melancolia, do pessimismo, da dúvida e do negativo, ideia tão indissolúvelmente reproduzida, sobretudo, nos meios acadêmicos e livros didáticos do Ensino Médio. A abordagem de leitura de textos ligados ao movimento romântico brasileiro sob um viés da observação do riso, da sátira e da ironia, sem sombra de dúvidas, aproxima o estudante de textos muitas vezes considerados de difícil leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo mostra em escritores românticos a crítica da linguagem poética romântica, e a temas muito caros ao movimento. Em Álvares de Azevedo, principalmente, observamos que o poeta (gênio) romântico e o amor são retratados de forma muito inusitada: ambos são transpostos para a vala comum, sem a aura de perfeição pelo qual costumeiramente estavam balizados. O amor e a própria poesia são retratados através de uma atitude irônica diante das convenções, em que o código do amor cortês é exposto ao ridículo, a ponto de provocar o riso.

Essa postura diferenciada de Álvares de Azevedo – em quem mais nos detemos no presente estudo – também se estendeu a alguns outros escritores, como pudemos pontuar no decorrer da exposição, a exemplo de Luiz Gama, que, a despeito de sua contribuição dentro dos preceitos românticos, também enveredou por uma vertente estética que se aproxima daquilo que o seu contemporâneo e amigo Álvares de Azevedo estabelece como uma diretriz no Prefácio a 2ª parte de **Lira dos Vinte anos**: a abertura para a percepção mais crítica objetiva e concreta da realidade.

Por fim registramos que, para nós, profissionais e futuros profissionais da área de Literatura brasileira, é sempre importante estarmos atentos a novas perspectivas de

abordagem e reanálises de movimentos estéticos, com vistas a possíveis atualizações em nosso trabalho. Visualizar o movimento romântico, em sua segunda geração, a partir de um viés distinto daquele comumente trabalhado nos livros didáticos e em sala de aula constitui-se uma boa oportunidade para desenvolver uma proposta de abordagem de leitura capaz de aproximar os estudantes de textos literários e, conseqüentemente, promover a tão desejada formação leitora.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Álvares. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

CANDIDO, Antonio. **A Educação pela noite & outros ensaios**. Ática: São Paulo: 1987.

CUNHA, Cilaine Alves. **Entusiasmo indianista e Ironia byroniana**. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 2000

_____. **O Belo e o Disforme: Álvares de Azevedo e a ironia romântica**. São Paulo: Edusp/FAPESP, 1998.

FRANCHETTI, Paulo. "O Riso Romântico: Nota sobre o Cômico nas Poesias de Bernardo Guimarães e Seus Contemporâneos". **Remate de Males**, Campinas. n. 7. 1987.

INÁCIO, Francilda Araújo. **Álvares de Azevedo: Uma poética de dessacralização**. (Tese). UFAL, 2005.

GAMA, Luiz. **Primeiras Trovas Burlescas & outros poemas** (Edição organizada por Lígia F. Ferreira). São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Poetas do Brasil)

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**. Elos: São Paulo, 1977.